

O  
PARAHYBANO

24 DE SETEMBRO  
DE 1892

# O PARAHYBANO

DIARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Redactores principaes: Eugenio Toscano e Arthur Achilles

ANHO I

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA

RUA DA MISERICORDIA N.º 9 A

Aviso do dia..... 60 rs.  
Do dia anterior..... 100 rs.

PARAHYBA DO NORTE

SABBADO, 24 DE SETEMBRO DE 1892

ASSIGNATURAS

CAPITAL.—Por tres meses..... 35000  
INTERIOR E ESTADOS—Anno..... 14000  
Sem... 88000—Trim.. 45000

N. 174

AVISO

**Pedimos aos nossos assinantes da Capital e interior, que se acham em atraso, o observado do mandarem saldar os debitos com esta empresa, afim de não lhes suspendermos a remessa de nossa fôrma.**

A Redacção

**A liberdade é riqueza**

Em tudo se descortina a intenção maliciosa do governo da mentira; que nos fala, por seu orgão, o «Correio Oficial», nos beneficos efeitos da federação, na conquista da liberdade em sua forma social mais adiantada, verdadeiros clarões com que os gafanhotos da actualidade procurão furtar ás vistas do povo a devastação que tem levado a esse campo de vasta mese, completamente talado, a nada mais produsir, além dos rachiticos fructos de uma administração sem bussola, que vao consentindo na precipitação carreira da não do estado para o pernau, que, como o sorvedoiro de Maistro, a attrahe forçosamente, até engolí-la.

Fallão em respeito e garantias ao direito do povo, chamando-o a ter participação na gerencia dos negócios publicos pelo concurso de seu voto livre na eleição que se devia proceder, como se procedeu no dia 7 de setembro, e dão-nos o triste, tristissimo espectáculo das falsificações, remate da obra de compressão exercitada pelo proprio individuo que a todo transe procurava eleger-se presidente do Estado.

Fallão-nos em liberdade, porque somente com ella se podem adquirir riquezas, e dão-nos a prova de que as riquezas para o estado da Parahyba, começão a cumular-se nas areas do tesouro publico pelo exercicio da liberdade do arbitrio, da usurpação e do crime, de que vemos um verdadeiro espeçimen no decreto com que o sr. Alvaro Machado fez a revisão do vigente orçamento.

O sr. governador illegitimo segue a doutrina de que todos os meios são bons e permittidos, desde que produzem os desejados efeitos, pelo que nenhum alcance tem o golpe vibrado por s. s. na constituição de 30 de julho, uma vez que, legislando sem competencia, o sr. governador adianta essas pequenas entradas do começo de riquezas, que darão amanhã a prova exacta de que o povo Parahyba gosa de liberdade.

Entretanto o que não fará o mesmo sr. Alvaro Machado erigido à categoria de governador *legítimo* por arte e manha da intitulada eleição de 7 de setembro?

Os melhores efeitos colhidos por um governo, quando este não sabe prestar a obediencia a lei, nem respeita a moralidade que deve presidir a todos os actos da administração publica, aproveitando a preferencia ao governo e nunca aos governados, que vêm periclitar a verdadeira liberdade sob a prepotencia do despotismo, que ameaça tudo subverter, corrompendo costumes.

O decreto de 14 deste mes, aumentando os direitos de exportação do açucar, e pelos motivos declarados no seu preambulo ou considerando, traz um ensinamento e uma educação perigosa, que assim como mostram garras aguçadas do absolutismo do poder, pode também conciliar a prática de actos de verdadeira anarquia, por parte dos governados.

E nisto está a sua força porventento que nosso melhor e costume.

Que diríamos nós do senhor directo de um campo arrendado a preço certo e taxado, como era o preço sobre a exportação do açucar, que, estimulado pelos lucros de rendeiro avolumados por seu trabalho, lhe imposse um premio duplo do arrendamento estipulado?

A lei garantidora das estipulações se convulsionaria ao arranjado tentame do senhor do solo, e o poder encarregado de dar a cada um o que é seu, a não estar avassalado pela corrupção; profereria o verbo da justiça, fustigando com o latigo da moralidade as faces do depredador do solo alheio.

Mas entre o senhor e o rendeiro de um campo, confrontado com o senhor de uma feitoria e os seus servos da gleba dá-se a grande diferença que notamos ao ouvirmos os canticos gloriosos que aureolão a fronte do despota que tem sobre os pobres illotas o direito de vida e morte.

Assim o rendeiro seria amparado pelo poder que respeitasse a lei, mas os pobres servos não encontrariam abrigo porque o despota move a sua feijoada com engodos e tutaneas o poder que poderia corrigin-lhe a acção malefica.

E assim o sr. Alvaro Machado se abrigará a sombra da assembleia dos eleitos do povo, que, mais uma vez se convencerá do erro de sua escolha pelo desamparo em que ficão os seus mais sagrados direitos.

Compre accentuar bem que a liberdade para os srs. Alvaro Machado e dr. Gama e Mello affirma-se na transgressão da lei pública do estado, contra a qual, aberta a primeira brecha, não cessarão de investir a titulo de servir a causa publica, quando elles servem unica e exclusivamente a essa politigrem do engrandecimento das suas pessoas e de seus haveres.

ANTONIO BERNARDINO.

**Parvoices**

O sr. major Alvaro Machado, a propósito de uma justa reclamação da Associação Commercial de nossa praça, contra o procedimento irregular de um dos paquetes do Lloyd, deixando de tomar carga em sua passagem por nosso porto, quiz deitar ao publico *pomada oficial*, mas, coitado! não conseguiu senão cahir no ridículo.

Para quem ignora do riscado administrativo, parecerá que um dado governador, tomando conhecimento de qualquer reclamação publica, quer de um individuo, quer de uma agremiação, desce de muito alto para deferir as partes impetrantes excepcionais favores; entretanto tudo quanto entende com as relações entre administrador e administrados classifica-se na ordem de direitos e deveres. A administração publica não pode fazer favores, sob pena de tornar-se escandalosa.

Se a Associação Commercial da Parahyba, desincumbindo-se da missão que lhe é inherent de promover tudo que for em bom da classe que representa, quizesse an-

governo do que um dos transportes do Lloyd tão irregularmente se houve no cumprimento dos deveres que decorrem para a Secção de navegação da Empresa de Obras Públicas do contracto existente entre esta e o poder publico da União, que não pequenos foram os prejuízos experimentados pelo commercio; e se o governo dá pela reclamação e procede em ordem a evitar que o abuso que a motivou se reproduza, devemos afirmar que foi cumprido um dever, nunca porém que accentuou-se a prestação de um obsequio.

Mas o sr. Alvaro assim não entende e para não perder azada ocasião de fallar de si, como de um grande estadista abrasado no amor da patria, escreve para a Associação Commercial: que não só ligou toda a importancia a sua reclamação, como ainda manterá o maior zelo pelos interesses do commercio d'esta praça.

E a gente fica a pensar, ante o pedantismo *hors ligne* do sr. major, que algum enorme serviço acaba de ser prestado pelos bons officios de s. s. ao honrado commercio parahybano, quando a verdade é que o sr. major nada, absolutamente nada fez, que não fosse transmittir ao governo da União, sem o menor juizo accrescentado, a queixa d'aquelle distinta Associação.

E o que foi que s. s. conseguiu para o Commercio, para com as bochechas dilatadas a modo de quem vai soprar, fazer praça dos zelos que deve manter em prol dos interesses não só d'aquelle, como de todas as classes do Estado?

Que os vapores do Lloyd tomem carga no porto da Parahyba, dependendo isto ainda de que o sr. Augusto Gomes comunicou com antecedencia para Pernambuco qual a praça dos mesmos vapores a ser ocupada por mercadorias nossas?

Mas isto já se observava antes e quer nos parecer que não importa vantagem alguma para o Commercio, que, posto que tenha de corresponder, por força da convenção, ao cavaco do sr. major, deve estar convencido de nada haver adiantado com o appello feito ao governo e ha de convir comosco na pretenção pueril do sr. Alvaro, querendo impor-se a louvores pela prática de corriqueiros expedientes das secretarias do seo governo e do ministerio das obras publicas.

Se a Associação Commercial nos permitisse, dar-lhe-hiamos um parecer: — que não vá cahir em logros communs, ostragando papel e tinta para desvanecer ainda mais a vaidade do sr. Alvaro.

As tolices de administração não devem preocupar a attenção dos honrados membros da Associação e quando muito attribuimos-lhes o merito intrinseco de provocar o falso solemn da pateada publica.

Essa pateada, fique a Associação certa, em breve explodirá, quando, como esperamos, os paquetes do Lloyd reincidirem na infracção do respectivo regulamento, continuando a prejudicar os interesses commerciaes, apesar da ameaça de multa e da exhibição da pomada do sr. Alvaro.

ARTHUR ACHILLES.

d'uma suprema vaidade, sabe que nossa terra é pequena, pouco se lhe importa com o juizo que delle possa fazer, não é nella domiciliado e nem tem amor por ella. A prova de tudo isso ahi está a resposta que sempre dá quando lhe veem dizer que a oposição está crescendo: — «eu que me importa? Sou leute da escola superior de guerra.»

Para conhecer-se quanto o homem é farcista, não precisa muito tempo de convivência, hasta pouco e que se tenha visto a manobra de tratar as pessoas. Quando entra em palacio, por exemplo, um empregado publico, elle reveste-se

logo d'un riso satanico e fingido e diz-lhe com maneiras estudadas — que tem muita pena dos empregados publicos da Parahyba, que seu unico cuidado é pagar-lhes, que tem tomado essas e aquellas providencias, que já mandou pedir dinheiro ao seu amigo general Floriano; quando é um bacharel diz que a magistratura vai se organizar, que herdá a sua palavra que não se esquecerá delle porque, além de tudo, é amigo dos bachareis; quando é um padre chama-o de padroeiro mestre, mostra-se contrito, que é christão, que jura em suas mãos; quando é um matuto, como sabe que elles empregam o tal — como é sua graca, pergunta logo como é sua graca (embora saiba), põe-lhe o braço pelo ombro e a todos diz que não tem arrisca-pensée; final o homem é um comico consumado.

Vamos tratar da eleição de vice-presidente.

Não devo deixar de tratar dessa questão porque tomei parte muito activa nella.

Ainda no tempo da junta já era a eleição do presidente uma causa que me preocupava, porque via ahi uma grande dificuldade futura. Quando foi nomeado o individuo que hoje nos desgoverna julguei resolvida a questão porque sendo elle um estranho e sem desígnio no Estado e estando além disso já nomeado governador provisório, não podia conseguintemente haver divergência sobre a escolha. Encarando assim ainda a bordo falei-lhe sobre sua candidatura ao que respondeu-me com subterfugios, e mais tarde disse-me que não resolvia logo ser candidato porque não tinha ordem do Floriano; ao que lhe respondi que nada tinhamos com o Floriano e que elle seria nosso candidato porque vinha nos tirar de embarracos: — não obstante nada ficou resolvido sem que viesse ordem. Assentada a sua candidatura fui incumbido de pedir para elle o apoio do Eugenio, o que fiz em presença do dr. Pedro Velho, tendo aquelle meu amigo accio-a de bom grado.

Estando as causas assim assentadas restava o vice-presidente que eu queria o Eugenio e que não quizindicar logo por escrupulos; porque não queria que o Abdonsíssimo supusesse que eu queria dirigir a politica da Parahyba por detrás dos reposteiros. Um dia estávamo passando e elle me disse que ia mandar para o Rio uma lista de nomes para entre elles ser escolhido um vice-presidente; discordei completamente desse alvite e arrasei minha discordância dizendo que a experiência me era desagrada pelo exemplo de Pernambuco, o que me avisava qdovia ser o vice-presidente aquele que contasse com mais clemente no Estado e que procurava extirpar a politica e os interesses da província.

Ora, eu vi logo claramente que eu apenas tinha que querer qdovia fazer a indica-

## GLOSSARIO

MOTE

O Gama desapontado  
Estrago como o inferno!

GLOSA

Quando chegou à palácio  
De Souza o bom resultado  
Ficou, amava os leitores,  
O Gama desapontado;

Porque, em danto o certo,  
Commetendo o nobre acto  
Votando no bom governo;

A Santa Rita adorada,  
Contava, elevavada,  
Estrago como o inferno!

O PILOTO.

## Os desterrados

Fomos homens honrados com as  
visitas dos srs. dr. Gregorio Thau-  
maturgo de Azevedo, Iacinto Alves C.  
Carneiro e Bandeira Junior, que  
voltam do exílio a que os condemnaram  
a prepotência de um governo

que procura firmar-se no paiz pelo  
terror e pelo sangue.

O ilustre sr. dr. Gregorio Thau-  
maturgo, no cartão que deixou-nos  
sobre a mesa, escreveu estas pala-  
vras:

«A illustre redacção d'«O Para-  
hybano comprimindo e faz votos

para que continúe a defender os

interesses do Estado e a combater

esta situação que não se firma na

opinião nacional.»

Boa viagem as illustres victimas,

— Geminiano França —

Para o Recife, onde vai prestar  
exame do quinto anno da Faculda-  
de Direito, seguiu honrado o noso

síster, o talentoso conterraneo

Geminiano Monteiro da França,

um dos moços mais esperançosos

d'este Estado.

Sai osos pela sua ausência, em-  
bora provisória, nôs desejamos-lhe

uma prospera viagem e que obtenha

o ultimo acto de seu tirocinio acade-

mico a vitoria a que lhe da direi-

to o seu reconhecido talento.

— DIVERSAS

Contra o cholera. — Da uma fe-

ria estranha que o preservativo usado

consiste no hygine de Pariz, pelas fábri-

cas e outras pessoas que se acham em

contacto com os individuos afetados daquel

terribil enfermidade e o seguinte:

— A um litro de agua mande juntar 40

centilitros de alcool de 36 graus, 12 gotas

de essencia de hort-1-pimento inglesa, 12

gramas de lantano do Sydenham e 200

gramas de assacum diluido em 60 centilitros de agua.

Continuado desta modo, o preservativo

não se torna desagradavel, porque predomi-

na n'ella o sabor da hort-1-a cujo aroma des-

faz das outras substancias.

A dose a tomar é de um a douz calices de

lavor por dia.

— Tiradentes. — O Jornal do Commer-

cio, recebeu da redacção da Renascença, de

João E. Rei o seguinte telegramma:

«Na cidade de Tiradentes foram encontra-

dos os actos de inventario de Antônio da

Encarnação Xavier, mão do ploto-martyr

— XI

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho adoptivo

achegaram de chegar a entrada da avy-

enda do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-

no d'Yvoras ate o dia em que os vimes ca-

í a cavalo do palacete do boulevard Ma-

lesheres.

— XII

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho

adoptivo achegaram de chegar a entra-

da do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-

no d'Yvoras ate o dia em que os vimes ca-

í a cavalo do palacete do boulevard Ma-

lesheres.

— XIII

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho

adoptivo achegaram de chegar a entra-

da do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-

no d'Yvoras ate o dia em que os vimes ca-

í a cavalo do palacete do boulevard Ma-

lesheres.

— XIV

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho

adoptivo achegaram de chegar a entra-

da do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-

no d'Yvoras ate o dia em que os vimes ca-

í a cavalo do palacete do boulevard Ma-

lesheres.

— XV

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho

adoptivo achegaram de chegar a entra-

da do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-

no d'Yvoras ate o dia em que os vimes ca-

í a cavalo do palacete do boulevard Ma-

lesheres.

— XVI

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho

adoptivo achegaram de chegar a entra-

da do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-

no d'Yvoras ate o dia em que os vimes ca-

í a cavalo do palacete do boulevard Ma-

lesheres.

— XVII

(Continuação)

O marques d'Yvoras e seu filho

adoptivo achegaram de chegar a entra-

da do Bosque de Bento. Ali, afrou-

aram os pés das suas caixas e ga-

laram até o portão do Bosque, deus-

pararam de novo. O marques parecia pa-

ssivo e preceptivo. Não faltava. O con-

duito ao morrer, dirigiu a Mar-

cos, farts o que queres, mas lá te

me deixas? Sei dúvida n'ela, não farei es-

perir mito.

Assim tivemos vivido o marques e o ca-</

